

HISTÓRIA INTELLECTUAL E HISTÓRIA CULTURAL: POSSIBILIDADES DE ESCRITA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Névio de Campos¹

Eje temático - 2. Historia intelectual y trayectorias de educadores. Diálogos, conflictos y luchas por la educación pública

Modalidade: Ponencias

Resumo: O objetivo deste texto é discutir o problema da História Intelectual, privilegiando um olhar sobre três questões: 1) conceito de história intelectual; 2) relação entre história intelectual e história cultural; 3) história intelectual e história cultural e sua implicação para a escrita da história da educação. Esta proposta inscreve-se no eixo “História intelectual e trajetória dos educadores: diálogos, conflitos e lutas pela Educação pública”, pois pretende apresentar uma discussão teórica a respeito da escrita da história intelectual, na tentativa de mostrar que a interlocução com a história cultural poderá trazer elementos importantes para discutir a produção cultural/intelectual no campo da educação. Esta narrativa apoia-se na metodologia da história intelectual. As fontes são o texto “História intelectual e história das mentalidades”, um dos capítulos do livro *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude* (2002), de Roger Chartier e o livro *Para uma história cultural* (1998), organizado por Jean-François Sirennelli e Jean-Pierre Rioux. O percurso analítico segue três movimentos. Em primeiro lugar, apresenta-se uma síntese sobre o lugar da história intelectual que tem por objetivo problematizar as autorrepresentações construídas pelos intelectuais e compreender as próprias produções culturais dessas personagens. Em seguida, incluem-se Chartier e alguns autores da obra organizada por Sirennelli e Rioux nesse debate, objetivando destacar como eles discutem elementos importantes para uma interpretação da história intelectual. Por fim, faz-se exposição de algumas implicações da relação história intelectual e história cultural para a escrita da história da educação, em particular para estudos que tratam das instâncias de criação de obras e escritos pedagógicos, de difusão dessas obras e ideias (edições, imprensa, escola) e de recepção ou apropriação desses bens culturais. A posição de Chartier (2002) nesse debate oriundo da história social/mentalidades e história das ideias tem fecundidade à escrita da história intelectual. A primeira contribuição é de que não é possível escrever a história intelectual reduzindo o pensamento aos processos de determinação do mundo social, assim como isolando as ideias das relações estabelecidas no tecido da própria sociedade. A segunda consiste na força-tarefa de desconstrução das linhas rígidas e bem demarcadas entre cultura erudita e cultura popular, o que implica em outro tipo de representação e prática da história intelectual. Por fim, a ideia de que os consumidores e leitores ao apropriarem-se de um artefato cultural participam ativamente de um processo de produção intelectual, resultando na ampliação do escopo de análise da história intelectual. Sirennelli (1998) ao reiterar a importância dos estudos das elites culturais, pensando-as a partir dos

¹Pós-Doutor em História. Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Email: ndoutorado@yahoo.com.br.

conceitos de criação e mediação, contribui para ampliar o repertório de produção cultural/intelectual, não mais reservado apenas ao momento de criação (grandes autores), mas também aos mediadores (difusores). De modo mais contundente Rioux (1998) ressalta os sentidos estrito e amplo da história das mediações e dos mediadores, permitindo passar do significante ao significado, dos fluxos aos estoques. Em síntese, o caminho indicado por esses autores é pensar de forma relacional as instâncias de criação (autor), mediação (difusor) e apropriação (leitor).